

36º Encontro Anual da Anpocs

GT25 - Partidos e sistemas partidários

AS CENTRO-ESQUERDAS E O REALINHAMENTO DOS
SISTEMAS PARTIDÁRIOS NO CONE-SUL: ARGENTINA,
BRASIL, CHILE E URUGUAI

Fernando Henrique dos Santos

Resumo: Visamos a uma análise das transformações nos sistemas partidários no cone sul: Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, a partir das transições para democracia até os dias atuais. Para isso, a pesquisa se ancora nos referencias teóricos presentes nos trabalhos de Sartori (1982), Mainwaring e Scully(1995) e Mainwaring e Torcal (2009).

Nesse processo, enfatizaremos a importância e crescimento das esquerdas institucionais passando a se constituir como principais atores da disputa política; são esses partidos (e coalizões) de esquerda: Partido dos Trabalhadores (Brasil), Partido Justicialista (Argentina), Concertación (Chile) e Frente Amplio (Uruguai). Procuramos, constituir a estratégias que lhes permitiram sucesso eleitoral, tais como a prática de coalizões. Por outro lado, buscar-se-á destacar as diferenças desses frente a outras esquerdas *mais radicais* atuantes no continente.

Introdução

Nossa pesquisa se dedica a uma análise dos sistemas partidários nos países do cone sul: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O objetivo principal é entender o processo de realinhamento, consolidação e institucionalização dos sistemas partidários desses países, da transição para democracia -por volta do início dos anos 1980- até os dias atuais. Buscar-se-á destacar sobretudo uma particularidade comum a todos esses países de *terceira onda de democratização*: o fortalecimento das esquerdas institucionais e seus impactos substantivos sobre os sistemas político-partidários. Assim, busca-se portanto, entender qual a importância dos partidos de esquerda para o processo consolidação desses sistemas partidários; A relevância desses partidos é semelhante em cada sistema estudado, ou antes disso, que tipo de esquerda está presente no cone-sul?

Por um lado, essas questões possibilitam atualização dos principais trabalhos que se debruçaram sobre o estudo dos sistemas partidários latino-americanos tais como MAINWARING e SCULLY, 1995; ALCÁNTARA, 2004;

CONSTANZA, 2006, dentre outros. Por outro lado, trataremos as esquerdas institucionais do cone-sul com destaque em seu papel para os câmbios de seus sistemas partidários e também enfatizando suas diferenças organizacionais frente a outras esquerdas atuantes no continente, tais como a de Hugo Chaves (Venezuela) e Evo Morales (Bolívia). Assim, pesquisa se concentra tanto nos desafios institucionais que esses partidos tiveram para sua inserção em seus sistemas partidários como também na evolução de seu papel na competição e, por conseguinte, as causas de sua evolução/retrocesso nas preferências de voto.

O enfoque nessa temática dos partidos se justifica pois os partidos políticos são fundamentais para articular as regras da competição, mobilização social e seleção de pessoal político. O partido é vital para o sistema político e para que exerça suas funções é necessário estar ter organização interna eficiente. Mesmo com as constantes críticas aos partidos não se propôs outras formas de funcionamento da democracia sem eles, daí serem articuladores da disputa eleitoral, de guiar a compreensão da realidade política, estabelecer produção legislativa e conduzir os processos de tomada de decisão.

Por sua vez o sistema partidário compreende o ambiente que compõe a arena dos partidos. Para entender os sistemas partidários há que entender as clivagens que marcam a arena política- a sociedade – preferências políticas, seja ela econômica, ideológica (religião), clivagem racial/étnica, ideológica. Pensar em sistema partidário, para além dos números – número de partidos, concentração ou dispersão de poder. Na terceira onda de democratização (América latina), institucionalização dos sistemas partidários pós ditaduras militares (MEDINA, 2002)

Ocorreram varias mudanças dos sistemas políticos latino-americanos no processo de redemocratização que culminaram em sistemas partidários diferentes dos estabelecidos anteriormente aos regimes militares. Segundo Alcantara Saez e Freidenberg (2002) estas mutações endógenas, exógenas seja de alcance político-institucional ou de conteúdo social-econômico. Como fatores endógenos o enfrentamento das antigas lideranças caudilhescas com o

Estado, relativo à corrupção. O principal fator exógeno foi a queda do socialismo e conseqüente perda de referencial ideológico e prático para a esquerda latino americana. Ademais disso, em todos os países houve, em maior ou menor medida, transformações dos textos constitucionais, leis partidárias e eleitorais. As crises econômicas também ocuparam papel importante para o encerramento do modelo de substituição de importação e com aparecimento de valores pós-materialistas.

Com exceção de Brasil, Peru e Venezuela, os autores dizem que os demais países apresentam uma estrutura partidária muito semelhante a estrutura partidária anterior. Alguns partidos mesmo com mudança radical de pressupostos programáticos não sofreu alterações significativas na cúpula dirigente ou bases sociais de apoio. Essa relativa continuidade na composição do sistema de partidos contradiz a visão habitual de mudanças dramáticas ou de derrocada da ordem anterior na América latina. Contudo, a pesar de matizar a crise dos partidos, porém não minimiza a recepção hostil dos eleitores aos partidos.

DEBATE BIBLIOGRÁFICO:

Segundo Mainwaring e Scully (1995) e Mainwaring e Torcal (2009), no início dos anos 90 na América Latina havia uma certa homogeneização no tratamento dos sistemas partidários da América Latina. Assim, sobre um equivocado estereótipo de supostas semelhanças não se percebia a grande variedade de partidos e sistemas partidários presentes região. Disso decorre a necessidade de estudos comparados que possam apontar diferenças entre os quadros nacionais. Entretanto, havia a dificuldade não saber suficientemente como comparar partidos e sistemas partidários na América latina (Mainwaring e Scully, 1995).

Diante disso os autores propõem como variável impactante e perceptível a se estudar entre os sistemas partidários latino-americanos o grau de institucionalização. Esse índice implica mensurar em que medida há um certo

padrão no conjunto de interações entre os partidos e da competição partidária (Mainwaring e Scully,1995). Sua importância decorre do fato de que em sistemas mais institucionalizados os partidos se constituem como atores chaves e estruturantes do processo político, agindo como canalizadores das demandas políticas da população. Desse modo, as disputas eleitorais se tornam mais inteligíveis aos eleitores pois é facilitado o conhecimento dos atores e partidos em questão((Mainwaring e Scully,1995; PAYNE, 2003; KINZO, 2004).

Por outro lado, em sistemas não institucionalizados, os partidos não são tão dominantes e não estruturam tanto o processo político. Assim, há conseqüências negativas para a *accountability* eleitoral, como por exemplo, a iminência de que "líder" anti-partidos / *outsider* chegue ao poder causando efeitos adversos para democracia tais como Fujimori, no Peru (1990-2000) e Hugo Chávez, na Venezuela (1998 até o presente). Disso decorre que a alta institucionalização não é necessária, porém níveis muito baixos produzem problemas para ordem democrática. (MAINWRING e SCULLY, 1995 e PAYNE, 2003).

Em especial Mainwaring e Scully (1995) e Mainwaring e Torcal (2009)¹, atestam que nos primeiros anos da restauração da democracia a maioria dos países latino-americanos apresentava baixo índice de institucionalização do sistema partidário, apesar de haver disparidades entre os países. Como exceções do continente, Chile e Uruguai podem ser considerados países sistemas partidários institucionalizados, ao menos considerando a solidez de suas organizações partidárias e lealdade das elites políticas. Argentina é classificado como um caso intermediário e o Brasil como o país de organização partidária mais débil, dentre os casos desta pesquisa. Payne (2003) chega a um diagnostico semelhante, destacando que o processo de institucionalização não é automático com a democracia².

¹ As análises de Mainwaring e Torcal (2009) se baseia nos estudos feitos por Mainwaring e Scully (1995). Há avanços no que tange a novos indicadores e provas empíricas para atestar as informações sobre a institucionalização. Ademais é abarcado um número maior de países no estudo.

² Nos estudos desses autores as variáveis para mensurar a institucionalização dos sistemas partidários são: estabilidade da competição, arraigo social estável e profundo dos partidos, percepção popular da legitimidade dos partidos e existência de eleições e sistemas partidários com regras e estruturas estáveis.

Ademais da abordagem da institucionalização³, há ainda duas dimensões de particular importância para o estudo dos sistemas partidários: o número de partidos relevantes e o grau de polarização ideológica; ambas dimensões também influem tanto na institucionalização como na governabilidade democrática. (SARTORI, 1982; PAYNE, 2003). Em sua tipologia dos sistemas partidários Sartori (1982) destaca que apesar de importante, o critério numérico não é capaz de apreender sozinho a força política dos diversos partidos na disputa. Assim, o conjunto da dimensão numérica dos partidos relevantes juntamente com a polarização ideológica permite perceber o impacto dos partidos na competição partidária, seus posicionamentos, estratégias, potencial de chantagem, influencia do partido (e sistema) sobre o comportamento eleitoral e movimentação dos partidos na competição partidária. (SARTORI, 1982; MENEGUELLO, 2011).

Em especial para o caso dos países desse estudo a dimensão ideológica é de fundamental importância se constituindo um dos eixos da pesquisa. Isso porque a partir da restauração democrática o quadro partidário dos países do Cone Sul passam a contar com o crescimento e consolidação de partidos e coalizões de centro-esquerda como atores relevantes da disputa partidária, se encorpando e provocando mudanças sutis ou substantivas nos padrões de competição e alinhamento do sistema partidário⁴ (LOPEZ, 2005; MOREIRA, 2006; BORSANI, 2008).

Contudo, o percurso das esquerdas institucionais se insere em um contexto maior de consolidação dos sistemas partidários, do qual é imprescindível a compreensão. Nesse sentido, assim como o estudo sobre a origem dos partidos nos auxilia na compreensão de sua estrutura organizativa (Duverger, 1982), o período de constituição dos sistemas partidários pós-

3 Segundo MENEGUELLO(2011) essa abordagem é utilizada em especial para o estudo de sistemas partidários de democracias não consolidadas, países de terceira onda de democratização, em geral da América Latina e do Leste Europeu.

4 Segundo Alcántara (2004), a dinâmica de funcionamento do sistema Partidário no Chile e no Uruguai não muda do início da transição até os dias atuais. Sugerimos que isso é verdade se considerarmos os partidos envolvidos. Contudo, há mudanças importantes se considerarmos a força eleitoral de cada um destes na disputa durante o período, por conseguinte, há alteração na dinâmica de competição do sistema partidário, como procuraremos demonstrar ao longo da pesquisa.

ditadura é fundamental para compreender os rumos, alinhamentos e atual configuração do *protagonismo* das esquerdas a partir desse período; ainda que varie o peso dessa marca fundacional para cada caso nacional (MAINWARING e SCULLY, 1995). Esse período proporciona cenários e possibilidades de trajetória política diferentes a cada país (Alcántara, M e Freidenberg, F, 2002).

De um lado Chile, Uruguai e Argentina, pós-transição, apresentam o restabelecimento de uma matriz política em que os partidos tem grande importância e possuem tradição; um quadro com partidos e máquinas partidárias eficientes na mobilização da população. Já o cenário partidário brasileiro aglutinava um conglomerado de novos partidos e partidos derivados do MDB, oposição ao partido militar ARENA (ALCÁNTARA, M. e FREIDENBERG , 2002).

Mesmo dessas diferenças entre os países e por distintas causas institucionais, foi possível a emergência de governos de esquerda em todos os países. Como característica comum entre os principais partidos/governos de esquerda desses países destaca-se em especial o compromisso com estabilidade macroeconômica e também as estratégias de coalizão que tomaram para alcançar o poder (BORSANI, 2008; LANZARO, 2008). Vale destacar a configuração inicial do quadro partidário nesses países, destacando o papel das esquerdas para o estabelecimento do sistema partidário.

A- Argentina

A Argentina a transição democrática e mesmo a crise de 2001 não produziu partidos capazes de contestar a hegemonia dos partidos históricos Partido Justicialista (PJ) e Unión Cívica Radical (UCR). Logo nas primeiras eleições de 1983 é percebida a vigência e continuidade das identidades político-históricas, o peronismo e o radicalismo. Contudo, apesar do maior número de partidários do peronismo, a vitória de Alfonsín (UCR) evidencia que a clivagem democracia/anti-democracia foi mais decisiva que a clivagem partidária PJ e UCR (Tcach, 1998).

Mesmo assim, em 1989 com a hiperinflação e desgaste político o presidente Alfonsín antecipa as eleições e Carlos Menem (Peronista - PJ) vence as eleições com 47% dos votos. O presidente peronista é reeleito por dois mandatos (1989-95 e 1995-99). No segundo mandato faz uma aliança com os radicais (UCR) e vence com 45% dos votos.

Para o caso argentino, ainda não foi alcançada uma literatura que aponte indícios de que a conjuntura resultante da redemocratização apontasse para o crescimento ou vitória da esquerda nas eleições subseqüentes. Destacamos inclusive a dificuldade de visualizar a clivagem direita-esquerda no cenário argentino (MOREIRA, 2006; BORSANI, 2008). Assim, os desafios iniciais da pesquisa para o caso argentino é destacar se a Frente país solidário (FREPASO), que surge em 1995 como partido de centro-esquerda ou o Partido Justicialista (PJ) é para os fins desse estudo, o partido ou coalizão que deve ser considerado como centro-esquerda.

B - O caso Brasileiro: Partido dos Trabalhadores e a organização da esquerda Brasileira.

O caso brasileiro demonstra diferenças em relação aos outros países do estudo. Enquanto Argentina, Chile e Uruguai os partidos estruturantes do sistema partidário são anteriores ao regime ditatorial, no Brasil emerge um sistema híbrido de novos partidos, surgidos na transição, com partidos cujas raízes remetem a meados do século XX e que mantinham uma estrutura sólida em torno da qual o sistema político girava. Esse era o caso do PMDB, PSDB, PDT e PFL, entre outros. (MOREIRA, 2006 e ALCÁNTARA. M e FREIDENBERG. F, 2002).

Tal cenário foi possível graças ao estabelecimento de requisitos mínimos para organização partidária, ao contrario do regime anterior, que dificultava a formação de partidos. Assim, a flexibilização da legislação parece ter efeitos perversos sobre a organização de interesses e formação de tendências, uma

vez que incentivou proliferação de siglas partidárias⁵. Outro fator resultante foi a possibilidade formação de alternativas populistas, carismáticas, personalistas e potencialmente inibidoras do fortalecimento partidário, o que por sua vez indicava as fracas raízes partidárias brasileiras (MENEGUELLO, 1998, 2007; MAINWARING e TORCAL, 2009).

Nesse contexto de transição o principal partido da esquerda brasileira, o Partido dos Trabalhadores (PT), merece destaque por sua atuação na reorganização da esquerda no período pós-1985. MENEGUELLO (2002) ao tratar da configuração das esquerdas brasileiras tais como PCB, PCdo B, PTB dentre outros destaca o protagonismo do PT. Segundo a autora, as principais causas de seu crescimento eleitoral foram o deslocamento do pólo revolucionário para o pólo social e ampliação de suas bases políticas através da progressiva ampliação de suas coalizões com outros partidos de esquerda e de centro.

C - O caso Chileno.

O modelo institucional do sistema partidário chileno começa a se desenhar já em 1988 frente ao plebiscito que tentava ratificar pela cidadania a continuidade ou não do governo Pinochet (HUNEEUS, 1998; MOULIAN, 2003). Com a vitória do Não no plebiscito e a conseqüente queda do regime ditatorial se instaura no Chile um regime pluripartidário⁶. Dos partidários de Pinochet derivaram dois partidos: a Renovación Nacional (RN) e a Unión Demócrata Independiente (UDI), juntos em coligação formam a Alianza por Chile. De outro lado, os principais partidos opositores a Pinochet: Partido Demócrata Cristão (DC), Partido Socialista (PS), Partido Radical (PR) e o Partido pela Democracia (PPD)⁷, se forma a coalizão de centro-esquerda denominada Concertación.

⁵ Prova disso é o elevado montante de 40 organizações com pedido de registro na Justiça Eleitoral (MENEGUELLO, 1998).

⁶ Apesar do pluripartidarismo, a presença de coalizões juntamente com as particularidades do sistema eleitoral bicameral chileno, que beneficia ao segundo maior partido/coalizão, fazem com que o sistema funcione como bipartidário (MOULIÁN, 2003).

⁷ Todos partidos anteriores ao golpe militar (1973-1990), com exceção desse ultimo (PPD).

Logo nas primeiras eleições têm-se consolidação da heterogênea Concertación no governo, dando início a um longo período na presidência (1990-2010). Primeiro a Concertación assume a presidência com Aylwin(1989), posteriormente com Eduardo Frei(1993), ambos candidatos do DC triunfantes no primeiro turno. Já Ricardo Lagos (PS), primeiro candidato da Concertación não pertencente a DC também vence as eleições de 1999, mas em um segundo turno apertado, evidenciando o crescimento da direita no Chile nos últimos anos. A Concertación ainda teria mais uma vitória em 2005 com a presidente Michelle Bachelet (PS), antes da retomada da direita com Sebastián Piñera (RN).

B - O Uruguai e a Frente Amplio (FA)

Juntamente com Chile o Uruguai é um país de organizações partidárias fortes e estáveis, sendo interrompidas durante o regime militar (1973-1985). Segundo Lanzaro (2003), na transição para democracia o país passa por um processo realinhamento de seu sistema partidário, marcado historicamente pelo clássico equilíbrio entre blancos e Colorados. O autor qualifica o período como *estrutura de oportunidades* para os partidos. Dentre as principais mudanças se destaca o realinhamento do sistema partidário uruguaio tendendo a um multipartidarismo moderado (DUTRÉNIT, 1998; LANZARO, 2003; MOREIRA, 2006).

Isso ocorre em função do crescimento da Frente Amplio (FA) como força confrontante de partidos tradicionais: Partido Nacional(blancos) e Partido Colorado. A FA surge em 1971 como a aglomeração em forma de frente das esquerdas uruguaias e se destaca logo em 1984 pela sua importância na negociação da saída dos militares do poder. Mesmo não vencendo as primeiras eleições seu sucessivo crescimento e conversão em partido *catch-all* indica que esse momento se aproximava a cada eleição, obrigando inclusive os rivais históricos blancos e colorados a passarem por uma “convergência” de compromissos e coalizão. (LANZARO 2000, 2003) .

HIPÓTESES:

Quanto a organização das esquerdas espera-se demonstrar como a presença e atuação desses partidos atesta uma organização ideológica nos sistemas partidários e da disputa eleitoral. Sob esse suposto, buscaremos identificar na transição a democracia em cada país, bem como as primeiras eleições do pós ditaduras, fortes indícios para compreender sobre a reorganização, consolidação das esquerdas partidárias e as bases para seu crescimento no cone sul.

Já no período mais recente durante os anos 90 e 2000, supomos a existência de traços comuns entre os diferentes sistemas partidários que corroborem para o crescimento dos partido/governos de esquerda. Apesar disso, há características particulares e diferentes modelos de reorganização das esquerdas na América Latina. No cone sul, por exemplo, vigora atualmente uma esquerda de compromisso com a estabilidade macroeconômica. Por outro lado, há também na América Latina as esquerdas de perfil populista e nacionalista, que busca uma transformação mais ousada do modelo neoliberal, como nos governos de Evo Morales, Rafael Correa e Hugo Chávez. (BORSANI,2008; WEYLAND, 2009)

Quanto a esses diferentes tipos de esquerda sugerimos que as características do sistema partidário não são boas - ao menos como variáveis independentes - para explicar esses fenômenos. Assim, a solidez do sistema partidário não explica a moderação da esquerda, nem tão pouco o colapso dos sistemas partidários precede a ascensão de esquerdas radicais. Antes disso, a moderação esquerdista parece caminhar junto com o processo de consolidação institucional, como sugere o caso brasileiro (WEYLAND, 2009).

METODOLOGIA:

Sobre os sistemas partidários latino americanos e do cone sul a pesquisa utiliza de fontes bibliográficas nacionais e internacionais sobre a organização dos sistemas partidários latino-americanos. Destacamos em especial revistas de

estudos comparados como *comparative politics, world politics, latin american politics and society, Studies in Comparative Internationala, International Studies Quarterly* e outros, uma vez que a América latina produziu pouco sobre si mesma no que tange a estudos comparados deste tipo.

Sobre o desempenho eleitoral das esquerdas será exigido levantamento e sistematização dos resultados eleitorais desses partidos em todos os países do estudo, desde a transição para democracia até as últimas eleições (anexo 2). Isso possibilitará perceber as mudanças do sistema partidário, a geografia eleitoral dos partidos/coalizões de centro-esquerda e confirmar, sob uma perspectiva comparada, o protagonismo desses partidos de esquerda em seus respectivos sistemas partidários.

Anexo 1. Siglas de los partidos políticos mencionados

Argentina

FREPASO	Frente del País Solidario
PJ	Partido Justicialista
UCR	Unión Cívica Radical

Brasil

PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Mov. Democrático Brasileiro
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores

Chile

PDC	Partido de la Democracia Cristiana
PPD	Partido Por la Democracia
PRSD	Partido Radical Socialdemocrático
PS	Partido Socialista
RN	Renovación Nacional
UDI	Unión Demócrata Independient

Uruguay

EP-FA	Encuentro Progresista-Frente Amplio
PC	Partido Colorado
PN	Partido Nacional

Anexo 2

Dados Eleitorais		
País	Instituição	Site
Brasil	TSE - Tribunal Superior Eleitoral	www.tse.gov.br/
Chile	Ministério do Interior do Chile	www.elecciones.gob.cl/
Argentina	Instituto Nacional de Estadística y Censos	www.indec.mecon.ar/
Uruguai	Corte Electoral	www.corteelectoral.gub.uy/

BIBLIOGRAFIA CITADA:

ALCANTARA SAEZ, Manuel and FREIDENBERG, Flavia. Partidos políticos na América Latina. Opin. Publica [online]. 2002, vol.8, n.2, pp. 137-157

ALCÁNTARA, M. Partidos políticos en América Latina: Precisiones conceptuales, Estado actual y retos futuros. Revista de Estudios Políticos, Nº 124, 2004. Madrid.

BORSANI.H. Gobiernos de Izquierda, Sistemas de Partidos y los Desafíos para La Consolidación de La Democracia en América del Sur, STOCKHOLM REVIEW OF LATIN AMERICAN STUDIES N. 3, 2008.

DUVERGER, M. Os partidos políticos, 1982[1954], Zahar/Ed.UnB

HUNEEUS, C . Elecciones en Chile Después del Autoritarismo. In: Huellas de las Transiciones Políticas: Partidos y Elecciones en América Latina. Mora, 1998.

LANZARO, J. El Frente Amplio: entre la lógica de oposición y la lógica de gobierno. Revista Uruguaya de Ciencia Política, 2000.

_____. Os Partidos Uruguaios: a transição na transição. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. IX, nº 2, Outubro, 2003.

_____. La "tercera ola" de izquierdas latinoamericanas: entre El populismo y la social-democracia. U.Autónoma de Madrid, 2008

LOPEZ, S. Partidos desafiantes en América Latina: representación política y estrategias de competencia de las nuevas oposiciones. Rev. cienc. polít. Santiago, v. 25, n. 2, 2005

MAINWARING, S e SCULLY, T. eds. Building Democratic Institutions: Party Systems in Latin America. Stanford:, 1995.

MAINWARING, S e TORCAL, M. Party system institutionalization and party system theory After the third wave of democratization, 2009.

MEDINA, Juan Abal, Elementos teóricos para el análisis contemporáneo de los partido políticos: un reordenamiento del campo semántico. In Cavarozzi y Abal Medina(comp.)El Asedio a la Política.Los partidos latinoamericanos en la era neoliberal. Homo Sapiens Ediciones, Rosario, 2002.

MENEGUELLO, R. Cambios e continuidades en la transición democrática brasileña.In: Huellas de las Transiciones Políticas: Partidos y Elecciones en América Latina. Mora, 1998.

_____. Anos 90: O papel do Partido dos Trabalhadores na construção da esquerda brasileira (2002).

_____. **A Democracia Brasileira, 21 anos depois**. In: PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE OPINIÓN PÚBLICA, conflicto social y orden político. Uruguay: abr, 2007

_____.Verbete *Sistemas Partidários*, in Dicionário de Políticas Públicas, SP:Fundap, 2011(no prelo) .

MOREIRA, C. Sistemas de Partidos, Alternancia Política e Ideología En El Cono Sur (ARGENTINA, BRASIL, CHILE Y URUGUAY). Rev. Urug. Cienc.Polít., Montevideo, v.15, n.1, dic. 2006.

MOULIÁN, T. Elementos El sistema de Partidos em Chile. In: Cavarozzi y Abal Medina(comp.)El Asedio a la Política.Los partidos latinoamericanos en la era neoliberal. HomoSapiens, 2003.

PAYNE, ZOVATTO, FLÓREZ, ZAVALA. La política importa. Democracia y desarrollo en AmericaLatina. Democracia y desarrollo en America Latina, BID/IIDEA, 2003.

SARTORI, G. Partidos e Sistemas Partidários, Ed.UnB, 1982, cap. 5

TCACH, C. Elecciones presidenciales en el caso de las determinaciones históricas de larga duración: Argentina em 1983 y 1989. In: Huellas de las Transiciones Políticas: Partidos y Elecciones en América Latina. Mora, 1998

WEYLAND, Kurt (2009). "The rise of Latin America's two lefts? Insights from Rentier State Theory". Comparative Politics, v. 41, n. 2